

QUEM GANHOU A 2ª GUERRA MUNDIAL? Retratos das Forças Aliadas nos Manuais de História das Escolas Norte-Americanas, Inglesas, Japonesas e Suecas

Stuart Foster

Universidade de Londres
Londres, Inglaterra

Jason Nicholls

Universidade de Oxford
Oxford, Inglaterra

Resumo

O artigo analisa como a história da 2ª. Guerra Mundial é apresentada nos manuais escolares ingleses, estado-unidenses, japoneses e suecos. Os manuais selecionados foram submetidos a uma análise textual centrada (i) na organização sequencial e na análise de conteúdos e (ii) na perspectiva e tom da narrativa. As três áreas de conteúdos alvos de focalização foram (i) o início da Segunda Guerra Mundial, (ii) os principais eventos e batalhas e (iii) o fim da guerra. A análise revela, especialmente, a forma como as nações tendem a retratar a 2ª Guerra Mundial a partir das suas próprias perspectivas culturais, históricas e geopolíticas.

Abstract

This article analyzes how the World War II history is presented in textbooks from the UK, the US, Japan, and Sweden. The selected textbooks were sere submitted to a textual analysis base on (i) the sequential organization and content analysis and (ii) the perspective and narrative tenor. The three targeted areas were (i) the beginning of World War II, (ii) the main events and battles, and (iii) the end of the war. The analysis specially revealed the way by which nations tend to portray World War II from their own cultural, historical, and geopolitical perspectives.

Apesar de a disciplina de história ser ensinada em todo o mundo, a forma como esse ensino é levado a cabo e o que é exactamente estudado difere consideravelmente de país para país. Além disso, enquanto o uso regular de manuais nas aulas de história é largamente reconhecido como prática comum, há indícios que sugerem que praticamente a totalidade das nações usa manuais escolares para apresentar visões, não raras vezes, muito particulares do passado nacional. (Leeuw-Roord, 2000; Livoskaya e Karpov, 1999; Liu Bin, 1994; Loewen, 1995; Malhi, 1999; Pingel, 1998, 1999; Porat, 2000). Isto envolve, tipicamente, a selecção bem como a omissão de informações e conhecimento específicos. Longe de constituírem fontes neutras, os manuais escolares da disciplina de história são, por conseguinte, “concebidos, projectados e escritos por pessoas reais com interesses reais” (Apple & Christian-Smith, 1991, p.9) e segundo agendas culturais, sociais, ideológicas, políticas e económicas. (Altbach, 1991; Crawford, 2000; Demel, 1996; Foster, 1999; Leeuw-Roord, 2000; Porat, 2000).

Em países por todo o mundo a selecção de conteúdos para manuais de história nacional tem sido ferozmente contestada e objecto de crítica intensa, ilustrando, com frequência, uma clara falta de consenso nacional e internacional. No Japão, propostas de reforma feitas pelo Ministro da Educação foram veementemente criticadas por um grupo de professores Japoneses (a *Japanese Teachers' Union*) e por outros grupos (tanto dentro como fora do Japão) por veicularem sentimentos nacionalistas. Na Suécia, a recente reavaliação do passado nacional deu origem a uma série de questões “nacionais” respeitantes ao currículo e ao conteúdo dos manuais. Entretanto, em Inglaterra e no País de Gales a introdução e reforma do currículo nacional colocou pressões contínuas nos professores, alunos, autores dos manuais e editoras, como colocou, nos Estados Unidos, o debate existente sobre “critérios” a estabelecer para a história leccionada nas escolas. A questão da história leccionada nas escolas é complexa. Além do mais, a forma exacta como acontecimentos históricos transnacionais, como a 2ª Guerra Mundial, estão a ser retratados nos manuais de história de diferentes países, é não só esclarecedora mas facilitadora do desenvolvimento de entendimentos mais vastos da forma como a história e o ensino da história são abordados nos diferentes sistemas de ensino.

Uma atenção particular no papel das forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial, no tempo em que nos situamos, é especialmente intrigante. Como é reconhecida actualmente esta parceria crucial? Talvez mais importante, se não é suposto entender as forças aliadas como uma associação entre iguais, significa isso que se podem encarar certos países como tendo “ganho a guerra” com o apoio de outros? No começo do século vinte e um, os Estados Unidos emergiram como a única superpotência mundial e a sua influência global bem como o seu domínio económico e militar permanecem inquestionáveis. Discutivelmente, a posição singular dos Estados Unidos no mundo contemporâneo pode remontar-se às vitórias na Europa e no Pacífico durante a 2ª Guerra Mundial. O Estados Unidos deram, indubitavelmente, contributos cruciais para o esforço da guerra em termos de capital, mão-de-obra e de produção e abastecimento de materiais, tudo aspectos que ajudaram a virar a maré contra o fascismo. No entanto, presumir que os Estados Unidos combateram o fascismo sozinhos ou que foram, de facto, o parceiro principal das forças

aliadas, é questionável. Dos três principais aliados, a Grã-Bretanha foi a primeira a entrar na guerra, sob pretexto da invasão da Polónia por parte da Alemanha Nazi. Tratou-se de uma questão de princípios e teve lugar mais de dois anos antes da entrada dos Estados Unidos. Dando, discutivelmente, a maior contribuição de todas, especialmente em termos do sacrifício da vida humana, a União Soviética desempenhou talvez o papel mais crucial na derrota das forças do Eixo, emergindo da guerra como uma superpotência de enorme influência. Para além da Grã-Bretanha e da URSS, outras forças nacionais envolveram-se no conflito bem antes da participação dos Estados Unidos. Ligadas, de formas diferentes, à “Commonwealth” Britânica, as forças Indiana, Jamaicana, Queniana, Canadiana, Neo-Zelandesa e Australiana, para nomear apenas algumas, desempenharam papéis importantes. De forma semelhante, países como a China lutavam contra os Japoneses Invasores muitos anos antes do ataque a Pearl Harbour.

Todas as nações são confrontadas com a questão de como contar a história da 2ª Guerra Mundial à geração seguinte. Normalmente, a inclusão nesta história do papel significativo dos Estados Unidos é apropriadamente garantida. A questão que se coloca é a seguinte: até que ponto é reconhecido o papel de outras nações nas “forças aliadas”? O trabalho iluminador de Graham Lyons, *The Russian version of the Second World War: the history of the war as taught to Soviet schoolchildren* (1976), lembra-nos de como a história da guerra está aberta a interpretações. Por exemplo, os manuais escolares da disciplina de história na URSS informavam previamente os alunos de que era quase unânime a opinião de que a derrota da Alemanha tinha origem nas vitórias do Exército Vermelho na frente Leste. O ponto de viragem crucial de toda a guerra surge quando o Sexto Exército Alemão é derrotado em Estalinegrado, no Inverno de 1942-43. Desta forma, os estudantes Soviéticos eram levados a acreditar que a derrota dos Nazis era inevitável muito antes de os Aliados Ocidentais lançarem a invasão do dia D, em Junho de 1944.

Então, a questão permanece: como é que, nos dias de hoje, as nações retratam as forças aliadas na Segunda Guerra Mundial? Uma série de sub-questões emerge da exploração deste tópico. Por exemplo: Os Aliados são retratados como parceiros iguais nos diferentes manuais escolares? Que país, se algum houver, tende a ser retratado como o parceiro superior e porquê? Será que os manuais escolares Ingleses e Americanos retratam a guerra de um perspectiva nacionalista ou será que as contribuições de outras nações, particularmente da União Soviética, são reconhecidas? Como são retratadas, nos manuais escolares Japoneses, as forças aliadas nos teatros de guerra da Europa e do Pacífico? Sendo a Suécia uma nação “neutra”, tanto durante como depois da 2ª Guerra Mundial, estará a ser dada às crianças Suecas uma versão diferente dos acontecimentos?

Este estudo faculta uma análise detalhada do conteúdo de manuais de história de quatro países escolhidos. É colocado especial enfoque no retrato das forças aliadas durante a 2ª Guerra Mundial, com ênfase particular na forma como o papel dos três principais aliados, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a URSS, é representado. O propósito é o de avaliar, comparar e contrastar as formas como o conteúdo histórico é seleccionado e descrito em diferentes textos. Acima de tudo, o estudo clarifica as diferenças nacionais e internacionais em termos da forma como são retratadas as forças aliadas durante a 2ª Guerra Mundial.

Metodologia – os manuais como fontes

O estudo baseia-se numa análise do conteúdo de manuais escolares da disciplina de história, mais especificamente do retrato das forças aliadas na Inglaterra, no Japão, na Suécia e nos Estados Unidos, durante a 2ª Guerra Mundial. Estes quatro países foram escolhidos uma vez que ofereciam, potencialmente, diferentes perspectivas dos acontecimentos. À parte da avaliação da forma como os manuais escolares dos Estados Unidos retratavam e reconheciam a importância dos seus aliados do tempo de guerra, uma linha central de investigação procurava saber como os manuais escolares (a) numa nação neutra como a Suécia (b) num país aliado como a Inglaterra e (c) num país do Eixo como o Japão, retratavam, passados mais de cinquenta anos sobre o fim da guerra, os acontecimentos aos alunos.

Foram seleccionados dois manuais de cada país, todos eles publicados nos últimos oito anos. A totalidade dos manuais foi desenvolvida para o ensino secundário. Os investigadores tentaram seleccionar manuais que gozavam de uso generalizado em cada um dos respectivos países. Dentro da amostra Norte-Americana, os livros *America: Pathways to the Present*, de Perry e Winkler e *The American Nation*, de Boyer, são dois dos manuais de história com maior circulação na nação. Do mesmo modo, o livro *GCSE Modern World History*, de Ben Walsh, é um dos manuais escolares mais populares na Inglaterra, enquanto *Living History 7-9*, de Hildingson e Hildingson, é igualmente popular na Suécia. Os manuais de história Japoneses que fazem parte deste estudo são mencionados como “sendo representativos de sessenta por cento da totalidade dos manuais de História Japoneses... usados pelos alunos Japoneses do ensino secundário e representarem... a extensão mais ou menos completa do ensino da história nas escolas secundárias Japonesas.”¹ Os manuais Norte-Americanos, Suecos e Ingleses foram seleccionados dos Arquivos do *Georg Eckert Institute for International Textbook Research*, Braunschweig, Alemanha (www.gei.de). O Instituto Georg Eckert é o maior depositário de manuais do mundo, armazenando cerca de 100,000 volumes oriundos de mais de 100 países de todo o mundo. Os manuais Japoneses foram emprestados pela Biblioteca da Embaixada Japonesa, em Londres. Todas as secções relacionadas com o ensino da 2ª Guerra Mundial foram copiadas. Subsequentemente, os manuais Suecos foram traduzidos para Inglês. Não foi necessário fazer o mesmo com os livros Japoneses, uma vez que, aquando da obtenção dos textos, as traduções foram-nos disponibilizadas. Todos os manuais pesquisados neste estudo estão listados abaixo. Na secção dos resultados, cada manual é representado pelo código indicado entre parêntesis:

Clayton, A., Perry, E.I., e Winkler, A. (1998). *America: Pathways to the Present*. Upper Saddle River, N.J.: Prentice Hall. (US1)

Boyer, P. (1995). *The American Nation*. Austin, TX: Holt, Rinehart, e Winston. (US2)

Walsh, B. (2001). *GCSE Modern World History*. London: John Murray Publishers. (E1)

Lancaster, T. & Peaple, D. (1996). *GCSE History: The Modern World*. Ormskirk, Lancashire: Causeway Press. (E2)

- Hildingson, L. & Hildingson, K. (1997). *Living History 7-9*. Orebro: Natur och Kultur. (S1)
- Sjoebeck, K. & Melen, B. (1995). *History: Life and Change*. Malmo: Interskol. (S2)
- Susumu, I., Kazuo, K., Kota, K., and Haruo, S. et al. (1994). *Comprehensive Japanese History (B)*. Tokyo: Yamakawa Shuppan. (J1)
- Kojiro, N. e tal. (1994) *Japanese History B*. Tokyo: Jikkyo Shuppan. (J2)

É importante realçar que, uma vez que o estudo procura analisar a forma como a questão das forças aliadas durante a 2ª Guerra Mundial é tratada nos manuais de quatro países diferentes, não poderá ser dito que nele são comparadas fontes de informação semelhantes, pois os manuais são adaptados e usados por diferentes razões e com diferentes propósitos em cada nação. Além disso, questões que se prendem com as matérias abarcadas e com o lugar e o estatuto da história em diferentes países impossibilitam uma comparação de igual para igual.

A situação complica-se mais quando é tomada em consideração a complexa relação entre a produção, a selecção e a distribuição de manuais de história e a relativa influência de agências governamentais, do currículo nacional, do sistema estandardizado de exames, e as práticas individuais de cada escola e de cada professor, em cada país. Por exemplo, na Inglaterra, embora estejam em vigor um currículo nacional e um regime de exames nacionais, as escolas, individualmente (e, por vezes, os professores, individualmente), podem escolher os manuais de história de um conjunto de editoras privadas. No entanto, ao contrário do que sucede em muitos outros países, raramente é facultado aos alunos um manual pessoal. Normalmente, os manuais são reservados para uso exclusivo na sala de aula e os recursos tendem a ser partilhados entre os alunos. Em contraste, nos Estados Unidos não existe nenhum currículo nacional mandatado a nível federal e os estados, individualmente, podem determinar como os manuais são seleccionados. Nas duas dúzias de “estados de adopção de manuais”, as agências fazem uma selecção a partir de uma lista de manuais “aprovados” pelo estado e a partir dessa selecção os distritos escolares fazem a sua escolha. Por um lado, isto garante que os manuais são cuidadosamente examinados em termos da sua conformidade e da sua relação próxima com os padrões do estado e os mecanismos dos exames. O facultamento de manuais pessoais para cada aluno é, também, assegurado. Por outro lado, alguns críticos defendem que esta questão conduz, com demasiada frequência, à selecção de manuais que são desinteressantes, homogeneizados e dominados por editoras poderosas. Mais alarmante ainda é o facto de que para a selecção dos manuais não são tomados em consideração os anseios dos professores e os contextos locais. Além disso, a situação nos Estados Unidos torna-se mais “nublada” pelo facto de que a maioria dos estados para além do “Sun Belt” não tem uma política uniforme de adopção de manuais.

No Japão, as editoras não-governamentais submetem os manuais à aprovação do Ministério da Educação. Os manuais têm de estar harmonizados com os padrões do currículo nacional e são examinados (a) por especialistas em manuais, permanentemente

designados no Ministério da Educação e (b) por um conselho consultor (o *Text Authorization Council*), que é constituído, principalmente, por académicos especializados em determinadas matérias ou disciplinas. Aos manuais que vão ao encontro dos padrões estabelecidos pelo Ministério é dada autorização para uso nas escolas. Àquelas editoras cujos manuais chocam com os referidos padrões é dada a oportunidade de corrigirem submissões originais, e os procedimentos de interposição de recurso são também organizados. Assim que uma lista de textos autorizados é aprovada, estes ficam disponíveis para inspecção por parte dos professores e das Direcções Regionais de Educação. Habitualmente, as escolas secundárias escolhem os seus próprios manuais de forma a que estes se adequem às suas necessidades educacionais. Uma vez que o ensino nas escolas básicas é obrigatório, os manuais de história são fornecidos livres de encargos aos alunos. Nas escolas secundárias, os alunos pagam os manuais segundo uma taxa fixa estabelecida pelo Ministério.

Em certos aspectos, o processo Sueco de selecção de manuais é semelhante ao sistema predominante na Inglaterra e no País de Gales. Às escolas é concedida a liberdade de fazerem as suas escolhas dentre um conjunto de manuais produzido por editoras comerciais. No entanto, o currículo nacional Sueco é substancialmente menos prescritivo do que aquele que vigora em Inglaterra ou no País de Gales. É mais um conjunto de linhas de orientação aberto a interpretação local do que uma série rígida de conteúdos e objectivos programáticos a seguir por todos. Por conseguinte, na Suécia há menos pressão no sentido de publicar manuais rigidamente ligados a currículos prescritos. De modo semelhante, e, uma vez mais, por oposição ao sistema implementado na Inglaterra e no País de Gales, o procedimento de examinação Sueco para a disciplina de história leccionada nas escolas é altamente descentralizado, sendo as provas elaboradas internamente². Enquanto que na Inglaterra e no País de Gales os autores dos manuais e as editoras são obrigados a elaborar manuais que apoiem o *national GCSE level examinations*, na Suécia é dada maior flexibilidade na produção de manuais. Na Suécia, a todos os aspectos do ensino obrigatório está ligada uma noção de liberdade, incluindo à questão dos manuais. No entanto, em virtude da natureza descentralizada do sistema, os professores têm uma maior autonomia no que diz respeito aos conteúdos que leccionam e aos métodos segundo os quais o fazem. Embora os manuais estejam disponíveis para todos os professores e estudantes de acordo com as necessidades, o lugar que o manual de história ocupa na sala de aula varia de turma para turma e de professor para professor.

Apesar destes diferentes contextos, a análise do conteúdo dos manuais e da maneira como é apresentado oferece pontos de contraste intrigantes e iluminadores que ajudam os críticos a compreenderem melhor como a história é usada e retratada em diferentes cenários nacionais.

Método

Inicialmente, os oito manuais foram analisados separadamente pelos dois

investigadores. Foi acordado que a focalização recairia sobre duas abordagens da análise textual e três áreas de conteúdos disciplinares. A análise textual centrou-se (i) na organização sequencial e na análise de conteúdos e (ii) na perspectiva e tom da narrativa. As três áreas de conteúdos alvos de focalização foram (i) o início da Segunda Guerra Mundial, (ii) os principais eventos e batalhas e (iii) o fim da guerra.

Este estudo coloca especial enfoque na organização sequencial e na análise de conteúdos em cada uma das fases cronológicas da guerra. O principal objectivo da organização sequencial e da análise de conteúdos qualitativos é o de analisar os temas centrais abrangidos em cada manual e as pretensões a eles subjacentes. As questões de orientação da investigação incluíam:

- Como são normalmente retratados os papéis dos três principais aliados (e.g., negativos/positivos/influentes/vitais/secundários)?
- Que acontecimentos chave, batalhas e pontos de viragem são alvo de maior atenção e qual é o papel dos três principais aliados neste acontecimentos?
- Como, e de que maneira, são integrados no texto indivíduos específicos (Norte-Americanos, Soviéticos e Britânicos)?
- Serão os Estados Unidos retratados como um parceiro superior, um parceiro inferior ou um parceiro entre iguais?

A análise do tom da narrativa e da perspectiva do autor incluiu as seguinte questões de orientação da investigação:

- Qual é a perspectiva do autor (e.g., nacionalista, neutra, equilibrada, responsável)?
- Qual é o tom da narrativa (e.g., emotivo, descomprometido, alegre, autoritário, crítico)?
- Qual é o papel da linguagem – de palavras e expressões – nos manuais?
- Qual é/quais são a(s) mensagem(s) central(ais) veiculada(s) nos manuais?

Inicialmente, os dois investigadores trabalharam independentemente, lendo e analisando os textos. No entanto, através de encontros e trocas de correspondência regulares, notas e observações analíticas foram comparadas de forma não só a monitorizar o progresso mas também a desenvolver questões de investigação abrangentes que guiassem o estudo. Depois, cada investigador trabalhou de forma independente, analisando cada enfoque cronológico – i.e., o início da guerra, os principais acontecimentos e batalhas e o fim da guerra. O grosso das observações dos investigadores era notavelmente semelhante. Contudo, onde existiam diferenças subtis de interpretação eram feitas revisões, para que o trabalho resultasse numa análise coerente e consensual.

Resultados

Secção 1: O Início da Guerra

Os manuais Norte-Americanos

Embora o Japão tivesse estado em guerra com a China desde 1931, ao longo da amostra dos EU é o ataque Japonês a Pearl Harbour, a 7 de Dezembro de 1941, que marca o início da guerra. Como tal, a eclosão da guerra na Europa Ocidental, em Setembro de 1939, e a invasão nazi da URSS, em Junho de 1941, são questões exploradas com extrema brevidade. Aliás, a entrada da União Soviética na guerra é não só pouco representada mas também encarada com desconfiança.

Nos manuais Norte-Americanos, os aliados são retratados como estando “em sérias dificuldades por altura da entrada dos EUA na guerra... [e] com uma postura defensiva em todas as frentes” (US1, 506). Fazendo uso de uma linguagem dramática e emotiva, os manuais Norte-Americanos retratam a nação Americana entrando no conflito contra todas as probabilidades. Os manuais referem que, em Dezembro de 1941, a situação na Europa tinha atingido o ponto do desespero. Assim: “Apenas uma Grã-Bretanha exausta se interpôs entre os Nazis e o seu sonho de dominarem o continente Europeu. Os EU sobrepuseram-se finalmente à Grã-Bretanha – mas terá já sido demasiado tarde?” (US1, 499). Aliás, apenas a entrada dos Estados Unidos “viria a fazer a diferença entre a vitória e a derrota para os Aliados” (US1, 505).

A entrada dos EU na guerra é valorizada ao longo da amostra dos EU. Por outras palavras, é representada como ansiando necessariamente a vitória aliada e como tendo assegurado um mundo pós-guerra livre e democrático. Para além disso, a participação do EU é retratada sob a forma de dever moral, a responsabilidade de erradicar o “eixo do mal” fascista. A Grã-Bretanha e a URSS, por outro lado, são veiculadas como parceiros “dependentes” e fracos, desesperadamente necessitados da ajuda e assistência dos EUA.

Os manuais Japoneses

Os textos Japoneses centram-se, quase na sua totalidade, na guerra do Pacífico, dedicando pouca atenção aos acontecimentos na Europa. Como tal, a decisão importante de Hitler no sentido de atacar a União Soviética, tendo falhado a tomada da Grã-Bretanha, não é, praticamente, reconhecida ao longo dos textos. Na verdade, às entradas Britânica e Soviética na guerra e à queda da França são apenas feitas menções superficiais.

À luz disto, os manuais escolares Japoneses dão-nos uma perspectiva substancialmente diferente acerca das forças aliadas e do início da guerra. Além da pouca ênfase dada ao teatro de guerra Europeu, a importância do ataque a Pearl Harbour chega mesmo a ser falseada. Em contraste com os manuais do EU, não é retratado como o ponto de partida da guerra mas como um acontecimento integrado numa longa sequência de episódios

históricos, iniciados com o “Incidente Manchú”, em 1931. Além disso, a China não é retratada com um membro dos aliados, apesar da sua longa guerra com o Japão e do facto de ter recebido ajuda dos EU. Finalmente, dentro das forças aliadas, os Estados Unidos são representados como o parceiro forte, e os Soviéticos e os Britânicos como tendo desempenhado papéis menores.

Os manuais Ingleses

Embora a escala global da 2ª Guerra Mundial seja reconhecida ao longo dos manuais escolares Ingleses, a tendência é a de colocar o enfoque na guerra sob uma perspectiva Europeia. Particularizando, os manuais Ingleses atribuem grande importância ao período entre Junho de 1940 e Maio de 1941, quando a Grã-Bretanha e as forças da sua “commonwealth” ficaram sozinhas. Dito isto, as entradas dos Estados Unidos e da URSS são descritas com algum detalhe nos textos Ingleses.

Em *GCSE Modern World History*, de Ben Walsh, por exemplo, um espaço de mais de duas páginas é dedicado à cobertura da Operação *Barbarossa*, o ataque Nazi à URSS em Junho de 1941. Usando uma narrativa atractiva e uma série de fontes, Walsh descreve a magnitude absoluta da ofensiva Germânica, o sofrimento extremo suportado pelos soldados e civis Soviéticos, e a combinação de factores, muito para além da simples severidade do Inverno Russo, que foram capazes de enfrentar a maré. Do mesmo modo, a mudança de opinião dos EU, durante 1941, em relação à probabilidade de intervenção, a “corda salva-vidas” Atlântica de abastecimentos dos Estados Unidos e do Canadá, anterior à entrada dos EU (E1, 284), e a relação crescente entre Churchill e Roosevelt, são aspectos reconhecidos. Todavia, de modo significativo, o ataque Japonês a Pearl Harbour recebe menor atenção do que o ataque Alemão à URSS. Além disso, apesar de a entrada dos EU ser reconhecida como um acontecimento de extrema importância, tende a ser retratada, nos manuais Ingleses, como simplesmente mais um importante episódio no curso da guerra e nunca dentro do contexto da gratidão ou alívio Britânicos pelo apoio do seu aliado. Deste modo, os manuais Ingleses tendem a retratar a formação das forças aliadas no início da guerra como uma parceria necessária contra o fascismo.

Os manuais Suecos

Os textos Suecos abordam a guerra sob uma perspectiva quase exclusivamente Europeia. Como tal, as contribuições Soviética e Britânica são retratadas mais pormenorizadamente do que as das forças Norte-Americanas. Ao representarem sob a forma de gráfico o desenvolvimento da guerra, os manuais Suecos concentram-se, em primeiro lugar, na expansão de Hitler através do Norte e Oeste da Europa, seguido da invasão Nazi da União Soviética, antes de darem atenção particular ao papel do EU. De facto, excepção feita a referências ao apoio material do EU, este país raramente é

mencionado na descrição do início da guerra.

Como sucede nos manuais Japoneses, os livros Suecos tendem a colocar a Guerra do Pacífico dentro do contexto das políticas imperialistas do Japão no Este Asiático, começadas nos anos trinta. Deste modo, o ataque a Pearl Harbour é retratado como mais um episódio na história reveladora do expansionismo Japonês, à luz de tensões crescentes entre E.U. e Japão (S1, 308). A relação próxima e crescente entre Roosevelt e Churchill é reconhecida. Igualmente reconhecido é o facto de que, após o ataque a Pearl Harbour, a Grã-Bretanha ganhou “um aliado poderoso” (S1, 308). No entanto, na descrição do início da guerra, são os Britânicos e os Soviéticos que são retratados como desempenhando papéis chave, apoiados materialmente, e não militarmente, pelos Estados Unidos.

Secção 2: Batalhas e Acontecimentos Chave

Os manuais Norte-Americanos

Embora os manuais Norte-Americanos retratem o resultado da guerra como uma vitória para os “Aliados”, é prestada atenção especial às contribuições dos EU. Portanto, apesar de o termo “Aliados” ser frequentemente utilizado, referências específicas ao papel dos EU dominam os textos. Em particular, a Frente do Pacífico é vista como um assunto quase exclusivamente Americano e, exceção feita a uma única referência aos soldados Filipinos e Australianos, o papel das outras forças aliadas nunca é mencionado. Como tal, os manuais Norte-Americanos fazem uma cobertura considerável de batalhas como as de Midway, Guadalcanal, Dia-D e a Batalha de Bulge, prestando uma atenção limitada às lutas no Norte de África e especialmente na Frente Este. De modo semelhante, onde é reconhecido que a URSS “sofreu mais baixas em Estalinegrado do que os Estados Unidos em toda a guerra” (US1, 508), a referência aparece isoladamente e não sustentada, uma vez que não são feitos mais comentários relativamente à importância da batalha. Da mesma forma, as referências a comandantes tendem a centrar-se exclusivamente nos Americanos, tais como Eisenhower, MacArthur e Nimitz. Comandantes Britânicos e Soviéticos com um papel chave, como, por exemplo, Montgomery e Zhukov nunca são mencionados.

Em geral, as batalhas e acontecimentos chave da 2ª Guerra Mundial são retratados sob uma perspectiva Norte-Americana, sendo o enfoque central que perpassa os manuais dos EU a importância e o valor das vitórias e dos feitos Americanos. Enquanto é dado algum reconhecimento ao contributo de outras nações aliadas, os detalhes das contribuições Britânica e Soviética são limitados. Os manuais Norte-Americanos dão, desta maneira, a impressão de uma aliança liderada pelos EU.

Os manuais Japoneses

Nos textos Japoneses, as batalhas e acontecimentos considerados cruciais para a

compreensão da 2ª Guerra Mundial são ignorados ou relegados para segundo plano nos manuais Britânicos e Norte-Americanos. No manual publicado por Yamakawa Shuppan, por exemplo, as batalhas e acontecimentos chave na Europa e no Norte de África não são mencionados. As batalhas de Estalinegrado e El Alamein, os desembarques na Normandia e o Holocausto estão, por conseguinte, completamente ausentes do texto. No manual publicado por Jikkyo Shuppan, a cobertura da guerra para além do Pacífico é extremamente breve. Em todo o livro, há apenas duas frases referentes a acontecimentos na Europa.

Globalmente, há três aspectos que se destacam dos retratos que os manuais Japoneses fazem de batalhas e acontecimentos chave durante a 2ª Guerra Mundial. Para começar, a guerra para além do Pacífico recebe muito pouca atenção. Em segundo lugar, aos conflitos militares, mesmo aqueles que tiveram lugar no Pacífico, é dada uma cobertura diminuta. Em terceiro lugar, embora os contributos de Estaline e Churchill em Yalta e Potsdam sejam reconhecidos, os Estados Unidos aparecem como a única força militar responsável pela derrota do exército Japonês.

Os manuais Ingleses

Ao longo dos manuais Ingleses há uma tendência para estruturar a narrativa textual em torno de questões centrais. Particularizando, o enfoque preciso de um manual na questão “Por que razão terão os Aliados ganho a Segunda Guerra Mundial?” (E1, 282) é especialmente útil. Como estrutura organizadora, este manual centra-se em seis aspectos da guerra: “A Batalha da Grã-Bretanha”, “A Batalha do Atlântico”, “A Guerra de Hitler Contra a URSS”, “A Campanha Aliada de Bombardeamento da Alemanha”, “O Dia D e o Fim da Guerra na Europa” e “A Guerra no Pacífico”.

Dos seis aspectos mencionados, “A Guerra de Hitler Contra a URSS” é o que recebe mais atenção, sendo dada uma vasta cobertura às vitórias Soviéticas tanto em Estalinegrado como em Kursk. Além disso, por oposição aos retratos encontrados nos manuais Japoneses e Norte-Americanos, os livros Ingleses analisam com grande detalhe a importância da contribuição massiva dos Soviéticos. No entanto, na secção “A Batalha do Atlântico”, as enormes capacidades produtivas dos estaleiros dos EU são enfatizadas. Sendo dito isto, é também visível nos manuais Ingleses que foi “o sacrifício e heroísmo dos Britânicos e os navios mercantes da “Commonwealth”, da América e do Canadá [que] asseguraram a chegada dos mantimentos à Grã-Bretanha.” (E1, 285). De modo semelhante, na secção “Campanha Aliada de Bombardeamento da Alemanha”, os sacrifícios importantes das forças aéreas Britânica e Norte-Americana são reconhecidos. Finalmente, na secção sobre a “Guerra no Pacífico”, os Estados Unidos, embora vistos como o principal protagonista entre os aliados, não são retratados como lutando sozinhos. Assim, as contribuições dadas por tropas “da Grã-Bretanha, da Índia, da Austrália e da Nova Zelândia” (E1, 295) são todas reconhecidas.

A impressão criada quando se lêem os manuais Ingleses é a de que o sucesso dos Aliados no Norte de África e no Oeste da Europa se deve, fundamentalmente, a uma

parceria de igual para igual entre as forças da Grã-Bretanha, da “Commonwealth” e dos Estados Unidos. A campanha de guerra é, assim, bastante representada como um “esforço combinado” e, embora seja reconhecido que o general Eisenhower tenha sido o “Comandante Aliado Supremo”, os manuais não atribuem, em nenhum sentido, um papel mais importante ou proeminente às acções dos Estados Unidos. Por conseguinte, e vistas as coisas de uma forma geral, as “Forças Aliadas” são bastante representadas como sendo uma parceria entre iguais. Como tal, as tropas Britânicas, da “Commonwealth”, Soviéticas, e Americanas são todas apresentadas como tendo desempenhado um papel importante em diferentes frentes.

Os manuais Suecos

Os manuais da amostra Sueca dão principal destaque às contribuições das forças Soviética e Britânica. Neste sentido, as batalhas em El-Alemain e Estalinegrado são descritas como os acontecimentos decisivos da guerra (S1, 311), conduzindo à derrota do exército Germânico e anulando o “grande plano” de Hitler no sentido de deitar mão aos campos petrolíferos do Médio Oriente.

No Norte de África, a contribuição dos Estados Unidos é retratada como importante, mas secundária. Como está descrito em *Living History*, enquanto os constantes envios de “tropas e equipamentos Americanos ao longo do Atlântico” ajudavam os aliados a controlarem o Norte de África, preparando o terreno para a ofensiva na Itália (S1, 311), as forças Norte-Americanas chegavam a Marrocos e Algéria, de modo significativo, depois de El-Alamein.

Os manuais Suecos tendem a retratar a guerra no Pacífico como um assunto secundário e o Japão é descrito como uma ameaça muito menos desenvolvida do que a Alemanha. Na sub-secção “A guerra acaba contra o Japão”, uma visão global da campanha Norte-Americana de atravessamento de ilhas é abandonada após algumas frases (S1, 314). Além disso, a Batalha de Midway, considerada um dos pontos de viragem chave da guerra, não é descrita na narrativa de nenhum dos manuais. Por conseguinte, e globalmente, a Grã-Bretanha e a União Soviética são, sob o ponto de vista dos manuais Suecos, as nações que desempenharam os papéis mais importantes nas batalhas e acontecimentos chave da guerra.

Secção 3: O Fim da Guerra

Os manuais Norte-Americanos

Embora ambos os manuais Norte-Americanos incluam secções intituladas “Vitória na Europa”, a ênfase é colocada nos sucessos dos Aliados Ocidentais e não dos Soviéticos (US2, 760). O fim da guerra na Europa é, por conseguinte, apresentado em termos do avanço dos Anglo-Americanos para Este, pós Dia D, e não é feita qualquer menção à

retirada Alemã – com a duração de dois anos – de Estalinegrado para Berlim, seguida de perto pelo Exército Vermelho Soviético. No entanto, em *The American Nation*, a natureza colaboradora da ofensiva final dos Aliados na Alemanha é reconhecida, pelo menos até um determinado ponto, e a ocupação Soviética de Berlim é pouco explorada (US2, 762). Mas nem sempre é assim. Em *Pathways to the Present*, a ocupação altamente simbólica de Berlim pelos Soviéticos não é reconhecida, como não é reconhecido o facto de que as forças Britânica e Canadiana estavam significativamente envolvidas no último avanço em relação à Alemanha, a partir do Oeste. De igual modo, enquanto que as fases finais da guerra no Pacífico são alvo de uma cobertura abrangente por parte de ambos os manuais Norte-Americanos, com os “Aliados” descritos como tomando “a ofensiva” no Pacífico após a Batalha de Midway, são as acções das forças dos EU que dominam a cobertura. Desta forma, o fim da Guerra do Pacífico é descrito como um assunto de responsabilidade quase unanimemente Americana.

Os manuais Japoneses

Aquando das descrições das fases finais da guerra, os manuais Japoneses tendem a centrar-se, quase completamente, no teatro do Pacífico, sendo dada pouca atenção a desenvolvimentos com ele ligados na Europa e no Norte de África. Como tal, acontecimentos chave que marcam os últimos episódios da guerra, tais como o Dia D, a libertação de Paris e a libertação de campos de concentração Nazis, estão ausentes do texto. Além disso, no Pacífico, a tendência é a de retratar os EU como derrotando o Japão individualmente, sem quaisquer referências a outras nações aliadas. De facto, as forças Japonesas são descritas como estando literalmente incrédulas perante a superioridade material dos Estados Unidos entre Midway e o fim da guerra. Com a capitulação da ilha de Okinawa pelas forças Americanas, na primavera de 1945, a “derrota do Japão” é descrita como “iminente” (J1, 233), consumada agressiva e injustamente através da decisão Americana de lançar bombas atómicas em Hiroshima e Nagasaki.

De uma forma geral, os manuais Japoneses oferecem apenas detalhes superficiais acerca do fim da 2ª Guerra mundial. A atenção centra-se, quase exclusivamente, na guerra no Pacífico, onde a derrota do exército Japonês está ligada unicamente à superioridade material, e não militar, dos Estados Unidos.

Os manuais Ingleses

De uma forma geral, os manuais Ingleses reconhecem que a 2ª Guerra Mundial foi “uma guerra verdadeiramente mundial, com lutas em quatro continentes” (E1, 279). Como tal, a contribuição importante dos Aliados, como um todo, em diferentes frentes e arenas é firmemente reconhecida. De facto, o fim da guerra na Europa é representado simbolicamente pela convergência das forças Americana, Britânica, Canadiana e Soviética

em solo Germânico, em Maio de 1945.

Como pano de fundo dos acontecimentos que conduziram à decisão Americana de lançar as bombas atômicas, ambos os manuais Ingleses referem a importância do número crescente de baixas nas tropas Americanas. Lancaster e Peaple mencionam que, em Okinawa, “mais de 7,000 soldados Americanos foram mortos”, o que se tornou “sem margem para dúvidas, numa razão para o lançamento da bomba atômica” (E2, 155). Dito isto, a justificação para o lançamento da bomba atômica é problematizada nos manuais Ingleses. Além disso, enquanto os manuais Norte-Americanos descrevem a invasão e ocupação de Okinawa como ações exclusivamente Americanas, ao alunos Ingleses aprendem que “Em Março de 1945, as forças Britânicas e Americanas tomaram a ilha de Okinawa” (E1, 296).

Finalmente, como Ben Walsh realça, “cerca de 120,000 Africanos também lutaram pelos Aliados na campanha de Burma” e “a Índia ofereceu cerca de 2.5 milhões de homens e mulheres para as forças armadas e gastou, em 1943-1944, a impressionante percentagem de 80% da sua riqueza no esforço da guerra” (E1, 295). Por conseguinte, nos manuais Ingleses, a vitória no final da 2ª Guerra Mundial tende a ser retratada como um feito alcançado através da colaboração entre os Aliados.

Os manuais Suecos

Enquanto os manuais Suecos descrevem a vitória dos Aliados como um feito fundamentalmente colaborativo, o papel de Estaline e o avanço Soviético em relação à Europa a partir de Este são os temas em maior detalhe.

Em *Living History*, sob o título “O Ano de 1944: a Invasão da Normandia”, o papel Norte-Americano é retratado como parte de um esforço combinado pelo Aliados Ocidentais na derrota final da Alemanha (S1, 312-313). Dito isto, os desembarques na Normandia são firmemente colocados no contexto da insistência de Estaline no sentido de que Aliados Ocidentais abrissem uma segunda frente no oeste. Além disso, enquanto a magnitude do Dia D é totalmente reconhecida como “a maior invasão do género na história militar”, os leitores são também informados de que o “Exército Vermelho aumentou em força e condição” e que “1944 viu 10 milhões de homens num ataque ao oeste” (S1, 312-313). De modo significativo, a única imagem visual que acompanha o registo narrativo do fim da guerra na Europa é a famosa fotografia do soldado do Exército Vermelho, agitando a bandeira Soviética do cimo do telhado dos edifícios do parlamento Germânico, em Berlim (S1, 314).

As derradeiras fases da guerra no Pacífico são também descritas nos manuais Suecos, embora com menor detalhe. De uma forma geral, o Japão é apresentado como uma “ameaça menor” do que a Alemanha, cedo na defensiva contra uns Estados Unidos em controlo depois de Midway. Nos manuais Suecos, são os Estados Unidos, por conseguinte, que ganham a Guerra do Pacífico. No entanto, os acontecimentos no Pacífico são vistos como secundários em relação às campanhas militares, mais vitais e momentâneas, levadas a cabo

na Europa.

De uma forma geral, os manuais Suecos contemplam as vitórias militares dos Aliados nos teatros de guerra da Europa Ocidental, da Europa Oriental e do Pacífico, todas elas descritas com algum pormenor. O esforço de guerra dos Aliados, como um todo, é, assim, visto como o resultado de um espírito colaborativo. Mais aparente, contudo, é o facto de que os sucessos Soviéticos na Frente Este são retratados como sendo mais importantes do que as vitórias militares dos Britânicos e dos Americanos a Ocidente.

Discussão e Conclusão

Por todo o mundo, os manuais de história são usados de diferentes formas e para servirem diferentes propósitos. Normalmente, eles têm mais do que uma função, simultaneamente. São usados, por exemplo, para “cobrirem” tópicos históricos mandatados, para se adaptarem às necessidades do currículo e para irem ao encontro das exigências da avaliação e do sistema de exames. Os manuais são, regularmente, usados como um fonte de informação por professores, alunos e pais. Com menor frequência, são usados para facilitar a apreciação crítica, como um exemplo de uma representação de uma perspectiva histórica entre muitas. No entanto, independentemente da forma como são empregues, os manuais representam, indubitavelmente, um meio poderoso de reprodução de uma visão particular do passado das nações no contexto da aula de história. Os manuais procuram, de forma consciente, moldar e cultivar a compreensão que os alunos têm da história nacional e, talvez mais importante, a relação entre o seu país e outras nações. Como Philip Altbach comenta, os manuais surgem como “um dos mais importantes *inputs* educacionais: os textos reflectem ideias básicas acerca de uma cultura nacional, e ...são, frequentemente, núcleos de controvérsia e luta culturais” (Altbach, 1991, p.257). Como resultado, as disputas em torno dos conteúdos dos manuais fazem parte de um debate mais abrangente e, não raras vezes, amargamente divisório em relação ao propósito e à da função da disciplina de história. Consequentemente, a análise de manuais escolares permite um discernimento iluminador da habilidade que as forças culturais têm para influenciarem a informação veiculada aos jovens.

Alguns críticos encaram o processo de produção e distribuição de manuais como um processo descendente, no qual o “conhecimento oficial”, validado por líderes políticos poderosos, é distribuído instrumentalmente e de modo uniforme pelas salas de aula (e.g., Apple, 1991; Crawford, 2000). Contudo, o modo como os manuais são seleccionados e distribuídos pelas salas de aula nas diferentes nações é extremamente complexo e, embora a investigação de manuais seja um campo em crescimento, não se conhece o suficiente acerca da influência das forças culturais dominantes sobre a produção, selecção e distribuição de manuais. Além disso, a investigação em torno do modo como os manuais são, de facto, usados nas salas de aula e da forma através da qual as mensagens dos manuais são interiorizadas pelos alunos permanece largamente longe da desejável.

Como foi mencionado anteriormente, a investigação de manuais é um campo

crescente. Este estudo constitui um contributo para este cada vez mais amplo corpo de conhecimentos. Este estudo fornece, essencialmente, uma análise clara e concisa das mensagens centrais e estruturas sequenciais, relativas à natureza das forças aliadas durante a Segunda Guerra Mundial, adoptadas em manuais de quatro nações. A análise revela, especialmente, a forma como as nações tendem a retratar a 2ª Guerra Mundial a partir das suas próprias perspectivas culturais, históricas e geopolíticas.

Os manuais Norte-Americanos, por exemplo, colocaram a ênfase no papel importante que os Estados Unidos desempenharam, além dos restantes parceiros aliados, na subjugação das forças do Eixo na Europa e no Pacífico. Por conseguinte, os manuais Norte-Americanos tendem a retratar o resultado final da guerra como indissociável da entrada decisiva dos Americanos. Os textos tendiam a centrar-se nos comandantes Norte-Americanos, em batalhas chave e acontecimentos nos quais os EU desempenharam o papel principal e nos ideais pelos quais os soldados Americanos estavam, alegadamente, a lutar. A contribuição de outras nações aliadas é, certamente, reconhecida ao longo dos textos. Contudo, essa contribuição é tornada secundária em relação à contribuição decisiva dos EU. Consequentemente, a ideia que perpassa os manuais Norte-Americanos é a de que foram os EU que salvaram o mundo ao fazerem a diferença entre ganhar e perder a guerra.

Em contraste, embora reconhecendo o papel importante desempenhado pelo EU durante a 2ª Guerra Mundial, os manuais Ingleses não retratam a contribuição Americana como sendo mais importante do que a das forças Britânicas, Soviéticas ou da “Commonwealth”. Nos manuais Ingleses, sendo reconhecido o papel crucial dos EU, a ênfase é colocada no esforço de guerra Britânico, anterior à entrada dos Estados Unidos, e na derrota esmagadora do exército Germânico frente às forças Soviéticas, no Oeste. Além disso, enquanto os EU são retratados como desempenhando o papel mais importante entre os aliados no contexto da guerra do Pacífico, as contribuições dadas pelas forças Britânica, Indiana, Africana, Australiana e Neo Zelandesa são, igualmente, reconhecidas. Deste modo, os manuais Britânicos traduzem a ideia de um esforço colaborativo dos aliados, uma “joint venture” envolvendo parceiros iguais, e não dominada pelo EU. Portanto, foram os Aliados, como um todo – e nenhum país em particular –, que ganharam a guerra.

Os manuais Japoneses adoptam uma perspectiva diferente em relação aos acontecimentos. Neles, a guerra na Europa é um assunto secundário, alvo de uma atenção consideravelmente diminuta. Pelo contrário, a cobertura da guerra centra-se em acontecimentos no Pacífico. Aqui, os manuais Japoneses centram-se ao pormenor no contexto que levou ao ataque Japonês a Pearl Harbour. Os EU não são vistos como uma vítima inocente de um “ataque surpresa”. Em lugar de veicularem essa perspectiva, os manuais Japoneses explicam, cuidadosamente, como o antagonismo EU-Japão, anterior aos acontecimentos de Dezembro de 1941, quase tornou a guerra inevitável. A derrota dos exércitos Japoneses é atribuída, principalmente, aos EU, mas os detalhes são limitados e a contextualização diminuta. De acordo com os manuais Japoneses, e de modo significativo, o sucesso militar eventual e decisivo do exército Americano ocorreu como resultado de uma superioridade material e não militar.

Finalmente, os manuais Suecos tendem a colocar o enfoque na guerra na Europa e no

Norte de África. Como tal, os EU são retratados como desempenhando um papel mais de apoio do que de liderança nos diferentes acontecimentos. Nos manuais Suecos é colocada uma grande ênfase na guerra antes da entrada dos EU, particularmente na frente Este. Além disso, as derrotas Alemãs em Estalinegrado e, em menor grau, em El Alamein, são retratadas não só como o início do fim para a Alemanha, mas também como a causa de fendas irreparáveis no Eixo como um todo, com a Itália a tornar-se extremamente vulnerável e o Japão a isolar-se cada vez mais de 1942/43 para a frente. Os EU são descritos como os líderes inquestionáveis na Guerra do Pacífico, contra o Japão. No entanto, este cenário da guerra é retratado como um assunto secundário nos manuais Suecos. Consequentemente, nos manuais Suecos, embora a vitória seja atribuída aos Aliados como um todo, a União Soviética é descrita como a nação com o papel mais importante.

Por que será que os manuais descrevem a natureza das forças aliadas de modos diferentes? De diferentes modos, os efeitos da guerra fria e a ascensão política, económica e militar dos EU daí resultante podem continuar a encorajar a suspeita em relação à contribuição Soviética enquanto, simultaneamente, valorizam o papel dos EU. Os Estados Unidos deram, claramente, um contributo gigantesco à 2ª Guerra Mundial, tanto na Europa como no Pacífico. Dito isto, enquanto o conteúdo dos manuais de história dos últimos anos nos EU reflecte um entendimento multicultural do esforço de guerra Americano, envolvendo mulheres e minorias étnicas, a agenda permanece fortemente nacionalista. Deste modo, as contribuições de outros países são largamente ignoradas.

Claramente, os textos Japoneses centram-se em acontecimentos no Pacífico por razões geopolíticas e ideológicas. Embora colaborando com a Alemanha e coma Itália como um parceiro do Eixo, há muitas coisas que sugerem que por razões históricas, culturais, geográficas e linguísticas, o Japão encontrava-se relativamente isolado durante a 2ª Guerra Mundial. As batalhas que envolveram as tropas Japonesas foram concretizadas, quase inteiramente, no Pacífico, sem a ajuda das forças do Eixo Europeu e, de Pearl Harbour, passando por Midway, até Nagasaki, os Estados Unidos foram o principal adversário. Adicionalmente, apesar de iniciativas recentes no sentido da “internacionalização”, o nacionalismo tem raízes profundas na cultura, na política e na sociedade Japonesas, o que, por sua vez, se reflecte no conteúdo seleccionado para figurar nos manuais de história Japoneses aprovados pelo Estado. Por conseguinte, não é surpreendente que a guerra na Europa e no Norte de África, envolvendo forças Soviéticas e Britânicas, tenda a ser marginalizada nos textos Japoneses. De modo semelhante, explicações geopolíticas dizem-nos muito acerca do enfoque nos acontecimentos Europeus por parte dos manuais Suecos. A Suécia está localizada mesmo a norte da Alemanha e a oeste do que uma vez foi a URSS. Além disso, durante a 2ª Guerra Mundial, a Dinamarca e a Noruega, vizinhos Escandinavos da Suécia, com quem mantinham uma relação próxima, estavam ocupados pela Alemanha, enquanto a Finlândia lutava contra os Soviéticos. Os EU entraram tarde na guerra na Europa, envolvidos mais directamente, a partir de 1941, na geograficamente remota Guerra do Pacífico. Não é, por conseguinte, surpreendente que os manuais Suecos prestem tanta atenção à guerra na Europa e, em particular, ao papel da União Soviética na vitória na

guerra.

Os manuais Ingleses oferecem, talvez, a visão mais equilibrada das forças aliadas. Comparativamente com os manuais Americanos, o papel da União Soviética adquire uma cobertura substancialmente maior, porventura devido às agendas políticas de esquerda de muitos autores de manuais de história. No entanto, em muitos sentidos, esta noção de equilíbrio tem muito que ver com a história baseada em fontes e provas factuais, promovida no currículo nacional e para os exames dos finalistas. Mais do que nos outros países contemplados neste estudo, aos alunos Ingleses é pedido que interpretem provas e fontes, que usem a razão e avaliam informação a partir de diferentes pontos de vista. Por este motivo, os manuais, não raras vezes, incluem um sem número de perspectivas e explicações para as razões pelas quais determinados acontecimentos tiveram lugar ou não. É, frequentemente, esperado que sejam os próprios alunos a formular as suas posições baseadas na imensidão de perspectivas dadas. Em relação à questão da 2ª Guerra Mundial, a superioridade material do EU, a superioridade do poderio humano da URSS e o facto de que as forças Britânicas e da “Commonwealth” entraram na guerra no princípio, dois anos antes dos Soviéticos e dos Americanos, são aspectos comumente reconhecidos. De uma forma geral, todos os principais aliados são retratados como desempenhando papéis importantes, porém um tanto diferentes. Aos alunos é, assim, pedido que pensem lateralmente e que compreendam a interligação dos acontecimentos: como o fracasso de Hitler em atacar por terra e pelo ar a Grã-Bretanha conduziu, em parte, ao seu ataque total e, de facto, fatal à URSS; de que modo o apoio material Americano ajudou à vitória Soviética sobre as forças do Eixo, em Estalinegrado; de que modo a vitória Britânica em El Alamein permitiu que as forças Anglo-Americanas usassem o Norte de África como uma plataforma para invadir a Itália; como mais de 70% das baixas Alemãs ocorreram na frente Este, na luta contra os Soviéticos; de que modo a superioridade Americana no Pacífico, apoiada pelas forças Britânicas e da “Commonwealth”, conduziram à queda do Japão; como os bombardeamentos Anglo-Americanos puderam ser efectuados, de forma segura, a partir da Grã-Bretanha; como os desembarques na Normandia foram levados a cabo por tropas essencialmente Americanas, Britânicas e Canadenses.

Em última análise, este estudo oferece uma investigação preliminar acerca de como são retratadas nos manuais escolares de história dos nossos países as forças aliadas, durante a 2ª Guerra Mundial. Clarifica e examina preconceitos nacionalistas e faculta uma apreciação mais profunda das perspectivas divergentes de outras culturas. Mais importante, põe a nu as diferenças de conteúdo entre estas quatro nações e as suas abordagens à descrição da 2ª Guerra Mundial na disciplina de história. Muitas pessoas e organizações vêem o propósito de estudos desta natureza como um meio de construir versões mais tolerantes e menos tendenciosas do nosso passado partilhado. O Conselho da Europa, a UNESCO e o Instituto Georg Eckert valorizam o estudo de manuais, concebendo-o como um meio para, por exemplo, promover um maior entendimento internacional. Estes objectivos são importantes e louváveis. No entanto, a função deste estudo não é, principalmente, a de apelar para uma história mais equilibrada e consensual, mas antes a de enfatizar e explorar como e por que razão diferentes nações tratam os acontecimentos históricos de maneiras diferentes. Em

larga medida, é suposto isto ser esperado e aceite como inevitável. O fito geral é, por conseguinte, o de compreender e avaliar as diferenças culturais, examinar como, porquê e até que ponto elas ocorrem, e o de dar a perspectiva de que a informação apresentada conduzirá os educadores, os investigadores, os autores de manuais e funcionários da educação a um exame crítico das práticas existentes e da natureza e função da história na sua sociedade. A este respeito, o estudo oferece visões aprofundadas de assuntos essenciais associados ao ensino, à aprendizagem e ao estudo da história, com o propósito último de estimular e melhorar a prática nos diferentes países.

Notas

¹ Kaya Michiko (1995). Foreword. Japan and Modern History: Japanese School History Textbooks, Volume 1. Tokyo: International Society for Education, p.8. Na altura em que estes comentários foram publicados, Kaya Michiko era director executivo da International Society for Educational Information, no Japão.

² Deve fazer-se menção ao facto de que enquanto os exames nacionais das disciplinas de Sueco, Inglês e Matemática são aplicados a todos os alunos no último ano do ensino obrigatório (9º ano), as escolas locais são encorajadas no sentido de submeterem os alunos a um exame de todas as restantes disciplinas, incluindo a de História. À excepção das disciplinas de Sueco, Inglês e Matemática, um teste final não é, contudo, obrigatório e poderá ser substituído pela avaliação feita pelo professor. Os alunos podem obter em todas as disciplinas: *pass* (aprovação), *credit* (crédito) ou *distinction grade* (nota de distinção). Para mais informações, veja a dissertação *Sweden*, de Sven Salin e Chris Waterman, incluída em Brock, C., e Tulasiewicz, W. (2000). *Education in a Single Europe*. Londres e Nova Iorque: Routledge Publishers.

Referências Bibliográficas

- Altbach, P. G. (1991). Textbooks: The international dimension. in Apple, M. e Christian Smith, L. (Eds.). *The Politics of the Book*. Nova Iorque: Routledge.
- Anyon, J. (1979). Ideology and United States history textbooks. *Harvard Educational Review*, 49, 3, 361-86.
- Apple, M. and Christian-Smith, L. (1991). *The Politics of the Textbook*. In: Apple, M. e Christian Smith, L. (Eds.). *The Politics of the Book*. Nova Iorque: Routledge.
- Crawford, K. (1995). A history of the Right: The battle for control of national curriculum history 1989-1994. *British Journal of Educational Studies*, 43, 4, 433-456.
- Crawford, K. (2000). Researching the ideological and political role of the history textbook – Issues and methods. *International Journal of Historical Learning, Teaching and Research*, 1, 1, 81-91.
- Foster, S. J. (1999). The struggle for American identity: treatment of ethnic groups in United States history books. *History of Education*, 28, 3, 251-278.
- Ienaga, S. (2001). *Japan's Past, Japan's Future: One Historian's Odissey*. Londres: Rowman and Littlefield.
- Lisovskaya, E. & Karpov, V. (1999). New ideologies in postcommunist Russian textbooks. *Comparative Education Review*, 43, 4, 522-541.
- Liu Bin (1994). Discurso na “Conference for the inspection and examination of the curriculum and textbooks for mandatory education. *Chinese Education and Society*, 27, 2, 6-27.
- Loewen, J. W. (1995). *Lies My Teacher Told Me: Everything Your American History Textbooks Got Wrong*. Nova Iorque: Macmillan.

- Malhi, R. S. (1999). Rectify immediately factual errors, half-truths in history textbooks. *New Straits Management, Times*, 14 de Abril, 16.
- Pingel, F. (1999). *UNESCO Guidebook on Textbook Research and Textbook Revision*. Georg Eckert Institute for International Textbook Research. Hannover: Hahn.
- Pingel, F. (2000). *The European Home: Representations of 20th Century Europe in History Textbooks*. Estrasburgo: Council of Europe Publishing.
- Porat, D. (2002). A contemporary past: History textbooks as sites of national memory. *International Review of History Education*, Volume 4, 36-55.
- Schissler, H. (1989-1990). Limitations and priorities for international social studies textbook research. *The International Journal of Social Education*, 4, 3, 81-89.

Correspondência

Stuart Foster é professor do Instituto de Educação da Universidade de Londres, Londres, Inglaterra.
E-mail: s.foster@ioe.ac.uk

Jason Nicholls é professor da Universidade de Oxford, Oxford, Inglaterra.
E-mail: jason.nicholls@edstud.ox.ac.uk

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização dos autores. Tradução de Manuel Alberto Vieira (Universidade do Minho).
